



em certo é que, quem nunca viu uma bicha de sete cabeças, talvez julgue que é uma fabula a sua existencia, pois enganam-se: existe, e ha muitos annos que ella nos devora.

Esta bicha por alguns annos es-

teve no seu estado normal, porém fingiu que se tinha dividido em parcelas, e alguns julgaram que a sua divisão era real. Cabeça para aqui, cabeça para acolá inculcava pouca força; porém em consequencia de cousas, houve por bem fazer a sua junção, e eis a bicha outra vez em molho, prompta para nos ferrar os dentes no cachoço! *L'union fait la force*, é a sua epigraphie. A união, é de facto. A força está nas linguas.

Nós cá estamos; a bicha também está, e deixa-la estar. E quem vê o bicho mata-o logo? A's vezes é mister faze-lo quando ha medo, porém agora não o ha.

Quantos bichos estiveram em casa de S. Bento, e todos diziam que parecia impossível ao santo consenti-los em casa. Quando menos se esperava o santo *reconsiderou* e pôz os bichos ao fresco com toda a delicadeza. Esperamos na virtude do mesmo santo nos faça o milagre, que é livrar-nos desta bicha cadella, do mesmo modo que nos livrou dos bichos cães.

Quando o milagre se fizer cá temos umas velinhas para lhe acender na sua igreja, quando o tempo o permittir. Apesar de confiarmos nas verdadeiras promessas do santo, talvez seja mister queimar algumas solas de chinellos velhos dentro da sua morada para desinfec-tar o ar peçonhento que elles alli deixaram, e para se não pegar a tinha, que é epidemica.

Deus super omnia!



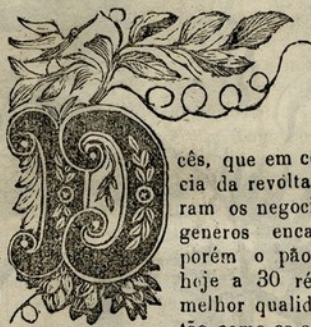
Ainda não com ple-tou um mez que teve logar a revolta, e já todos se queixam, e pedem di-nheiro. Tem razão, porque se lhe deve, porém o marechal ainda não deve um mez, e o empalmador descarado, o tran-

Nesse tempo tinham medo, puchavam ao caleche, e ainda que lhe faltasse a ração e a palha comiam cardos, e não rin-chavam com medo do vergalho. Agora que lhe tiraram o pezo das varas e do selim, e não levam chicotada, estão folgados, e já dão o seu couce!

Meus amigos, sois tal qual os rapazes da rua, que em quanto andam de brincadeira, dão quedas, levam pedrada, quebram as cabeças, e nunca choram, estão sempre contentes; porém se as mães lhe tocam nas orelhas com um palito, berram por tres dias!

Sabei que o marechal quando veio encontrou o thesouro bem comparado a uma casa com escriptos, e muito cheia de lixo e téas d'aranha, palha, chinellos, etc. etc. parecia uma choça habitada por vadios e ladrões; e vós quereis vêr salas bem mobiladas, acedadas, e cofres cheios de dinheiro para se vos distribuir no dia seguinte. Os vossos amos, que Deos tenha em gloria, tinham mobilia, etc. etc., mas era de papellão, e essa mesma quando se mudaram levaram-a, assim como faz quem não tem tenção de voltar. Deixai limpar o lixo, deitar a palha á rua, varrer, lavar, e tirar as pulgas e percevejos e depois fallai.

A primeira cousa que faz um inquilino, quando vai para uma casa, é limpar, depois é que mobila. Os vossos patrões eram muito limpos de pés, mas de mãos e casa eram bastante enchevalhados. Talvez algum de vós, que tanto fallais em aceios, fosseis dos que contribuissem para esta immundicie, e agora lavais as mãos e guin chaes!



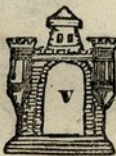
izem os nossos fiéis allia-dos da travessa das Mer-cês, que em consequencia da revolta paralisa-ram os negocios, e os generos encarceram, porém o pão vende-se hoje a 30 réis, o de melhor qualidade. En-tão como se entende esta musica? Isto é um facto. Mas a verdade é outra. Londrês é o paiz mais fertil do mundo; tem cada anno 365 colheitas de trigo, milho, e cevada.

O conde de Thomar, o homem mais verdadeiro, honrado, virtuoso, limpo de ore-lhas, e amigo dos portuguezes que teem algibeiras, bolças, sacos, patos, perus, gallinhas, e pintos, apenas chegou a Lon-dres mandou por esmolla a Portugal alguns milhões de moios de trigo, o que deu causa a baixar no mercado o preço do nosso

pão. A cevada ficou para elle e para os machos do seu caleche.



s officiaes de cavallaria da poli-cia são tão liberaes de facto e de direito, que usam — *Bonnets rouges*. — Vê-se por tanto que temos em Lisboa uma cavallaria *rouge*. Esta côr debota com o sol, e se continuam a usar sempre o *rouge*, dentro em pouco teremos cavallaria côr de rosa, que é o *rouge* desbotado.



imos uma carta anonyma do Porto, mas é tão bom ano-nymo, que o conhecemos perfeitamente. O tal nosso ami-go dos majaricões é bastante delicado, e as flores de rhe-torica encontram-se desfolha-das por cima do papel, fazendo um bello matiz com o nariz de quem o escreveu.... Não lhe respondemos, por que o jornal não é proprio para isso, e por julgarmos que houve engano no sobrescripto, ali vai a cópia que o substitue — *Illm.* e *exm.* sr. conde de Thomar — Londres.

OUTRO CÃO QUE LADRA A' LUA.



orto 8 do corrente. — Também nós cá temos a nossa lua, que dizem ser comadre da de Lis-boia, mas seja-o, ou não, tem os mesmos costumes.

Não sáe de dia; á noite passeia como nós por nossa casa, ape-zar dos latidos da canzoada, incommodan-do simplesmente os pacificos tomadores do bello fresco.

Entre os diferentes rafeiros da cidade eterna — ha um, mas é de raça gôza, e é um cão POBRE, tinhoso, lansudo, leproso, sarnento, e coberto de carraças e car-rapatos. Ladra vulgarmente na Rua Chã, á lua e á torre dos clérigos. Esta noite (8) ladrrou e uivou tanto, que espumava e ba-bava como um damnado.

E' a epocha dos cães; e desde que de-ram em ladrar nem o diabo os atura, po-rém este ladrar corresponde a um chocalho a tocar, a uma bomba que rebenta, etc., etc., cousas que só incommodavam o ou-vido e o artigo 63.º da carta velha e nova. E' um desafogo dos animaes, é a sua voz, o seu canto, o seu prazer! Um osso faz callar um cão.

Entre os diferentes palmitos que hontem
estavam á venda na praça da Figueira
encontraram-se tres com os seguintes ver-
sos:

Aqui tens este palmito,
Que vos dá meu coração;
Come as peras, e depois
Manda-o para a exposição.

Outro.

Este palmito tem peras,
Ginjas, e abrunho real
Tem damascos e cerejas,
E um coração maternal.

Outro.

Um palmito de feição
Offerece meu coração
Teve preço na exposição
Foi rejeitado por um ladrão.



o Jardim Mytheologico do Cal-
vario passava-se hontem com
bastante satisfação. O diverti-
mento é digno de ser visitado.
Uma das vantagens que se en-
contrão é o não haver receio de
encontrar ali vadios e ratoneiros. Tem vin-
do gente de fóra de Lisboa para o ver,
mas do castello de tomar ainda ninguem veio,
motivo porque se pôde passear sem medo.
A entrada dos cães é prohibida.

ANNUNCIOS.

Na exposição das figuras de cera tem ap-
parecido os mais ricos e bem desempe-

nhados originaes de diferentes persona-
gens. Consta agora que o director d'aquelle
estabelecimento, para variar e divertir o
publico, vai imitar os originaes de uma
nova raça de cães que ha na cidade do
Porto, nas ruas Chã e do Calvario.

Na mesma exposição, no terceiro quar-
to, onde se representa uma scena de roubo,
e assassino, estão vagos tres lugares de sal-
teadores, que ainda se não podêram preen-
cher, em consequencia de estar o proprie-
tario á espera de uma remessa de figuras
que encommendou, e espera todos os dias
lhe sejam remettidas pelo conde de tomar.

RESPONSÁVEL, MANOEL JESUS COELHO

LISBOA

Typografia de Manoel Jesus Coelho
Rua do Poço dos Negros N.º 54.

